

## 5º PRELÚDIO. DIA DA IF. CONVENÇÃO EUROPEIA

### Sexuação e ética – algumas reflexões iniciais

#### Radu TURCANU

Para usar um chiste relatado por Freud, eu diria que entre o universal do registro todo-fálico e o gozo chamado feminino por Lacan, ao qual associo o bem-dizer e seu lugar singular, há apenas um passo: o não-todo.

O “bem-dizer”, o da ética da psicanálise, seria então um não-todo dizer, um “meio-dizer”. Isso implica antes de tudo, sem se confundir com ela, um destino singular, como em "o estilo é o homem a quem se dirige" (onde Lacan modifica a fórmula de Buffon "o estilo é o homem"); mas também o corpo, sexuado por seu gozo. A singularidade de uma a uma, ressoa assim com este não-todo onde, na falta da exceção, de *A Mulher*, se trata também de uma mulher e de outra mulher...

Em *Televisão*, Lacan opõe a ética do "bem-dizer" da psicanálise a uma ética do celibatário, a do registro todo-fálico, na qual "para todo x" ou "para todo sujeito" se impõe, a partir da exceção, a função fálica, humanizante. Sua modalidade é aquela da crença (à exceção) e da necessidade.

É por isso que esse universal fálico que regula os circuitos de gozo é o das manhãs (que cantem ou não), assim como das (des)esperanças: por exemplo, que a exceção não vai, no final das contas, abandonar o sujeito e deixá-lo à mercê da “desumanização”.

No entanto, esse universal não pode esconder completamente suas raízes totalizantes - um pouco como em "Kant com Sade". Porque o significante-mestre e o tesouro dos significantes implicam circuitos que não escapam a uma espécie de giro em círculos (ver a teoria dos discursos de Lacan). É aí, aliás, que se manifestam os seus efeitos menos gloriosos: segregação, racismo, discriminação, etc. Daí os protestos cada vez mais virulentos contra essa ordem totalmente fálica, “patriarcal”, “totalitária” etc.

O registro não-todo fálico e o gozo feminino é a resposta contingente a esse domínio do todo-fálico sobre o sujeito. Quando não se é místico nem poeta, resta apenas o discurso do psicanalista para levar esse desafio ao todo-fálico, onde novas funções são atribuídas ao significante-mestre: o da produção e do resto; e ao objeto a causa do desejo: a de agente e motor. Assim, esse registro do não-todo fálico que o discurso do psicanalista promove seria o do “tratamento” pelo bem-dizer do todo-fálico e suas consequências, nem sempre felizes. Trata-se de dizer bem que é função da fortuna, não do significante, mas do endereçamento, uma a uma. Isso é o que é colocado no dispositivo analítico.

Com o todo-fálico, o endereçamento do dizer tem dificuldade para se tornar mais claro, preciso, mesmo quando se sai do universal e se está no particular. Porque sempre se pode classificar, reagrupar, até individualizar; entretanto, podemos “dizer bem”, mas perdemos o sentido do “um a um”, do “bem-dizer”.

Não se deve, porém, sonhar: nem o "dizer bem" dos outros discursos, nem o "bem-dizer" do discurso do psicanalista podem dizer a não relação sexual. Mas o discurso do psicanalista pode localizá-lo: numa "desesperança... de ser dito".

Esta é a razão pela qual "bem-dizer" é fora-sujeito e fora sentido. Um não-todo dizer que incide sobre o próprio dizer, como um verdadeiro (ou real) furo da estrutura significativa, como demonstra o nó borromeano.

Aqui estão dois breves momentos de um dizer "não-todo", em função de um endereçamento singular. Deixei de lado a questão dos místicos, mas, com a psicanálise, às vezes, encontro um endereçamento e mesmo um bem-dizer: por exemplo, com uma bebê que ainda aleitado. Insatisfeita, ele exaspera os pais, que se mantêm bastante atentos a ele. Diante desses pais incrédulos, sento-me no chão diante do pequeno e, me fazendo de bobo, explico-lhe por alguns minutos, sem nada esperar e sem medo do ridículo, "O estádio do espelho" ou "O tempo lógico". Pois bem, quando meu dizer encontra esse destino singular, o outro responde, a seu modo e com sua postura improvável, fora-sujeito, mas de forma que apreendida pelos presentes. É por todo o seu corpo que vibra esta ressonância do dizer, o que é signo da passagem das lágrimas ao riso nesta criança e que confirma, de fato, a efêmera manifestação de um "bem-dizer" entre nós.

Ou uma analisante que parece ter percebido algo disso ao se dirigir ao companheiro, de forma decidida, "eu quero a lua", entre a resposta recebida: "seja mais precisa, querida" (endereço errado), e um vibrante: "dada a partida" (endereço confirmado), definitivamente há apenas um passo: o passo daquele que se faz tolo. Diante do silêncio do analista, a paciente chega a sua associação "livre", carregada de gargalhadas: "Quem ele pensa que é? ".

Tradução: Andréa H. Fernandez